

Escrita acadêmica: formas de mobilizar o discurso do outro

Academic writing: forms to mobilize the speech of the other

Sulemi FABIANO-CAMPOS*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN/BRASIL

Elza Maria Silva de Araújo ALVES*

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA/BRASIL

RESUMO

Neste artigo, objetivamos analisar as formas de mobilização do discurso do outro na escrita dos conceitos de variação e de mudança em três dissertações de mestrado selecionadas do portal domínio público – CAPES e defendidas nos anos de 1979, 1989 e 2011. Tomamos como base a heterogeneidade enunciativa do dizer, proposta por Authier-Revuz (1998, 2004) no que se refere à *modalização autonímica*, ou seja, as diferentes formas do dizer. Os resultados apontam para três formas de mobilizar o discurso do outro, as quais denominamos de: escrita que marca fronteiras, escrita que representa um dizer e escrita reflexiva do dizer.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Mobilização. Escrita.

* Sobre as autoras ver página 292.

ABSTRACT

In this paper, we aim to analyze the ways used to mobilize the reader in the writing on the concepts of variation and change in three dissertations selected from the Public Domain Portal – CAPES. Both dissertations were defended in 1979, 1989 and 2011. We follow in our study the proposal of Heterogeneidade enunciativa do dizer, proposed by Authier-Revuz (1998, 2004) in order to investigate the different ways of saying. The results pointed out to three ways of mobilizing the interlocutor's speech, which we call: writing that mark borders, writing that represents a saying and reflective writing of saying.

KEYWORDS: *Speech. Mobilization. Writing.*

1 Introdução

O artigo tem como propósito apresentar um estudo sobre a produção escrita nas universidades, principalmente no que se refere à escrita do pesquisador em formação. Processo que envolve a implicação com o saber e consequentemente a produção do conhecimento, por isso deve-se observar a interferência da exterioridade sobre a escrita, a fim de se analisar as determinações que envolvem o pesquisador, a teoria, a pesquisa e a marca de existência ou não da produção do novo discurso.

A escrita no ensino superior é compreendida sob diferentes perspectivas teóricas no campo dos estudos da linguagem. Isso tem viabilizado diferentes discussões no que se refere à escrita e a formação social do sujeito. Tal formação envolve todo um processo de ensino e aprendizagem que, no Brasil, não só nas instituições de nível superior, mas também na educação básica, necessitam de mudança na prática pedagógica, começando pela forma como se lida com o conhecimento. O que tem-se observado é a antiga exposição de conhecimento em detrimento de uma prática que envolva o compartilhamento de uma experiência de construção de conhecimento, acreditando-se que a mera transmissão de conhecimento realize o processo de ensino e aprendizagem.

Neste âmbito, a relevância desse estudo se inscreve no movimento de reflexão acerca da produção escrita do pesquisador em formação, pois o que mais se observa nos trabalhos de pesquisas é uma escrita que se volta para os autores resenhados, para um dizer outro (teórico), uma representação escrita do dizer outro. Esse retorno à escrita do outro faz parte de um processo por meio do qual o sujeito trilha para escrever com propriedade, responsabilizando-se pelo dito, mas para isso acontecer é necessário que, nas universidades, o trabalho com pesquisa seja executado em todas as instâncias.

A partir desse contexto, temos como intenção analisar as formas linguísticas de mobilização utilizadas por pesquisadores ao escrever o discurso do outro em dissertações de mestrado. Partimos do pressuposto de que, ao mesmo tempo que o enunciador centra seu discurso no discurso do outro, tende a desdobrar a enunciação, explicando ou interpretando um *já dito*.

Para desenvolvemos nosso estudo, tomamos como base os pressupostos teóricos de Authier-Revuz (1998, 2004), no que se refere às diferentes formas do dizer, ou seja, a *modalização autonímica*. Essa modalização se divide em dois planos que se encontram e se entrelaçam entre si: o da heterogeneidade mostrada, marcada e não marcada, e o da heterogeneidade constitutiva.

Por heterogeneidade constitutiva compreende-se o princípio que fundamenta a própria língua; já a heterogeneidade mostrada diz respeito às formas que o sujeito utiliza para explicitar um discurso ulterior.

As formas marcadas têm na cadeia discursiva um estatuto outro que revela a autonomia que, segundo Authier-Revuz (1998), divide-se em duas partes: na primeira tem-se a fronteira entre os discursos, apresentada pela inscrição do dizer do “Um” na representação reflexiva do “outro”, isto é, um comentário da enunciação do outro; e comparece como modalidade sem representação explícita do dizer, o discurso relatado indireto, a modalização do discurso transparente do dizer em discurso segundo e as formas de autorrepresentação do dizer; e, na segunda parte, tem-se formas de representação do dizer de um objeto, ou seja, aquelas que se realizam no fio único do discurso.

Assim, objetivamos analisar marcas linguísticas de mobilização do discurso do outro sobre o uso dos conceitos de variação e de mudança na escrita de três dissertações de mestrado e verificar, na materialidade linguística, se há indícios do posicionamento do enunciador.

Para analisar essas marcas, escolhemos os conceitos da sociolinguística, ou seja, o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança, por três motivos: primeiro, porque nossa pesquisa busca a maior aproximação possível com a linguística; segundo, porque temos afinidade com essa área; e terceiro, porque manter a mesma teoria (a sociolinguística) favorece analisar de forma mais clara a articulação linguística entre a voz do pesquisador e os diferentes discursos que circulam sobre esses conceitos.

Os dados analisados foram selecionados a partir de um levantamento de dissertações de mestrado produzidas em diferentes programas de pós-graduação do Brasil, disponíveis no portal domínio público – CAPES. Para melhor organizar a análise dos dados, denominamos cada um dos trabalhos: TP1/1979 (Trabalho de Pesquisa Um/1979), TP2/1989 (Trabalho de Pesquisa Dois/1989) e TP3 (Trabalho de Pesquisa Três/2011).

2 Modalização autonímica da enunciação

As formas reflexivas da linguagem são denominadas por Authier-Revuz (1998, p. 14) de *modalização autonímica* da enunciação, atravessada por sua autorrepresentação opacificante. O presente estudo visa identificar, *inventariar*, classificar e descrever formas – linguísticas ou discursivas – através das quais se realiza o desdobramento metaenunciativo próprio a essa configuração.

Este estudo é considerado em dois eixos: primeiro, no plano da língua, quando se põem em jogo, na representação do dizer, *as palavras que se referem ao dizer*; e, em segundo plano, sob os ângulos dos tipos de representação da interlocução, do discurso da língua, da nomeação, do sentido. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 19-20).

Para explicar a modalização autonímica, Authier-Revuz se apoia em teóricos exteriores que destituem o sujeito do domínio de seu dizer, como na teoria de M. Pêcheux, na qual o discurso e o interdiscurso são tidos como lugares de constituição de um discurso que escapa à intencionalidade do sujeito, e na teoria elaborada por Lacan de um sujeito produzido pela linguagem como estruturalmente *clivado* pelo inconsciente. A autora considera que o dizer não poderia ser transparente ao enunciado, ao qual ele escapa irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso. É nesse ponto que se percebe o estatuto dos fatos observáveis da autorrepresentação do dizer.

O primeiro eixo da modalização autonímica, o da representação do dizer, apresenta duas ramificações: as questões de fronteira e as formas da modalização autonímica.

Explicitamos primeiro as questões de fronteiras da modalização autonímica, que se apresentam em um subconjunto de quatro propriedades: modalizações, mas sem representação explícita do dizer: a) formas discretas que apresentam diversas possibilidades de combinação e que se opõem à modalização autonímica – por exemplo, *quase X, uma espécie de X, digamos X*; b) o discurso relatado indireto, que representa um dizer de forma não opacificante, mas que concebe uma relação de afinidade – no plano da coocorrência (princípio distribucional que diz respeito à possibilidade de unidades ocorrerem uma(s) em combinação com outra(s)) e da interpretação, como na ilha textual. c) modalização transparente do dizer em discurso segundo: como *segundo ..., para ...* por oposição às modalizações autonímicas: *segundo as palavras ..., para retomar os termos de*; d) a questão de fronteira, às vezes delimitada, às vezes apagada, em um *continuum* entre a opacificação e a transparência, nas formas de autorrepresentação do dizer, colocada nas formas: *eu devo dizer, eu ousou dizer que, e* em expressões idiomáticas: *isto é, quer dizer*.

A segunda ramificação diz respeito às formas da modalização autonímica que Authier-Revuz (1998) descreve como tipos em que a configuração sobrepõe em dois planos – X e uma representação

do dizer de X, que se realizam sobre o fio único do discurso. Este estudo apresenta seis pontos, que se encontram numa escala dos mais aos menos explícitos: a) formas explicitamente metaenunciativas “completas”, como: *eu digo X (no sentido de X; eu emprego esta palavra se bem que ...; o que eu chamo de X)*; b) formas explicitamente metaenunciativas que implicam um *eu digo X*, através de expressões circunstanciais; c) formas explicitamente metalinguísticas, com um elemento autonímico X ou Y: *a palavra X é inconveniente*; d) formas sem elemento autonímico ou artifício metalinguístico unívoco: *X, quer dizer, Y... –*, destinadas a comentar, explicar, retificar outras expressões: *isto é, ou seja, quer dizer, para não dizer..., eu ia dizer, se posso dizer, enfim*; e) sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação – esses recursos de escrita são encontrados, frequentemente, combinados às formas de modalização autonímica evocadas anteriormente; f) formas puramente interpretativas que abrem para a *heterogeneidade constitutiva*, além dos cinco casos mencionados, em que a modalidade autonímica se manifesta através de um conjunto de formas linguísticas descritíveis, como incisivas, oposições e sinais.

3 O discurso do outro na escrita de dissertação

Denominamos a escrita de cada pesquisa de acordo com a mobilização do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança apresentados na materialidade linguística dos trabalhos de pesquisa analisados. Desse modo, a escrita do TP1 – 1979 denominamos de Escrita que marca fronteiras, a do TP2 – 1989, de Escrita que representa um dizer e a do TP3 – 2011, de Escrita reflexiva do dizer.

3.1 Escrita que marca fronteiras

As marcas linguísticas analisadas na pesquisa de TP1 – 1979 (Trabalho de Pesquisa Um, defendido em 1979) apresenta um discurso que marca a fronteira entre o discurso do pesquisador e o do teórico. Analisamos esse discurso por dois modalizadores são eles:

a) Discurso relatado em discurso de acordo

O discurso *de acordo* é uma forma de modalização transparente do dizer que Authier-Revuz (1998) caracteriza como forma observável na cadeia enunciativa que marca um discurso segundo sobre o conteúdo.

TP1-1979 – *De acordo* com Antônio Sena (em II dialetos di Sassari, Cágliari, 1975), Bottiglione (in Saggio, 1919), a variação dialetal em uma comunidade sarda aparece *em termos históricos, geográficos e culturais*.

Nesse excerto, constatamos que o pesquisador tende a concordar com a posição dos teóricos, no sentido de que a variação dialetal na comunidade sarda aparece em termos históricos, como se pode verificar na modalização do discurso – “De acordo com Antônio de Sena”, forma que aponta para uma possível concordância do pesquisador com a fonte de seu dizer. Essa é uma forma de *modalização autonímica* que se apresenta de forma marcada, podendo ser observável diretamente no “fio do discurso”. Nesse sentido, o sujeito evidencia uma relação com ele mesmo, com o discurso do outro, com as formas da língua ou com o próprio dizer.

Ainda no excerto citado, podemos apontar a relação que o enunciador mantém com o sistema linguístico, uma vez que percebemos a fronteira entre a voz do enunciador (pesquisador) quando afirma: “De acordo [...]”, confrontada com as vozes dos teóricos, quando diz: “a variação dialetal [...]”. Observamos que o pesquisador do TP1 constrói seu discurso a partir de um discurso *outro* de forma modalizada: “De acordo [...]”. Tal estratégia possibilita retomar o discurso anterior como estatuto de autoridade para um dizer que se enuncia pelo pesquisador para mostrar uma afirmação na qual o um (pesquisador) explicita que concorda com o dizer do “outro” (teórico).

b) Discurso direto

Essa forma de modalizar o discurso consiste em simular e restituir a fala citada e se caracteriza pelo fato de se dissociarem claramente as

duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado. Esse último recurso linguístico satisfaz duas exigências em relação ao leitor: indica que houve um ato de fala e marca a fronteira que separa o discurso citado.

No excerto (2)

TP1-1979 – *Campos* observa duas ordens de fenômenos: *a) tratamento das surdas intervocálicas; b) solução dos grupos r, l, s, + consoante; isso permite chegar a três tipos de logodorês: a) variante meridional, falada na região de Núoro [...] (p. 35).*

O pesquisador cita o discurso do outro, no caso o do teórico “Campos”, que trata sobre a variação em termos fonéticos na comunidade de Sardenha, utilizando-se do discurso relatado direto, verificável pela forma linguística “Campos observa”. Em *Campos observa duas formas de discurso [...]*, percebemos a voz do pesquisador, a voz citante, e, em – *tratamento das surdas intervocálicas; b) solução dos grupos r, l, s, + consoante; isso permite chegar a três tipos de logodorês: a) variante meridional, falada na região de Núoro*, tem-se a voz citada, que aparece marcada pelo sinal gráfico dois- pontos.

Assim, podemos inferir que há uma representação do dizer *não-opacificante*¹, isto é, transparente: pode-se identificar de quem parte a voz do enunciado que foi proferido, percebe-se quem é o referente do discurso citado. Essa estratégia demonstra que o pesquisador desse trabalho de pesquisa traduziu as palavras do teórico. A escrita, nesse trabalho, configura-se como aquela em que o discurso do pesquisador se encontra na fronteira, ou seja, o discurso do pesquisador comparece quando enuncia o discurso do teórico. Podemos considerar, então, que o discurso segundo e o discurso direto inscrevem a voz do outro na materialidade linguística.

Quando se indica a presença da voz do outro em certo fragmento, cria-se a ilusão de que, em todo o restante do texto, o que há é a voz do

¹ Formas *não-opacificantes* têm como objeto a enunciação. Mesmo de maneira reflexiva, fazem-se de modo transparente, isto é, a modalização autonímica é concebida como um modo de dizer “simples”, de um elemento que se refere a um referente (AUTHIER-REVUZ, 2004).

um (pesquisador); ou seja, a “demonstração” da voz do outro (teórico) parece indicar que apenas naquelas fronteiras reside a alteridade que atravessa integralmente o texto.

3.2 Escrita que representa um dizer

A escrita que representa um dizer consiste naquela em que o enunciador faz uso das palavras do outro para representar o seu dizer, ou então, o enunciador pode também traduzir o discurso do teórico.

No TP2 – 1989 (Trabalho de Pesquisa Dois – 1989) analisamos o discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança a partir dos seguintes modalizadores:

a) Discurso relatado direto (DRD)

O discurso relatado direto já foi mencionado no bloco de análise do TP1, mas também está presente no do TP2. Tal organização discursiva compreende formas sintáticas que designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação. No discurso direto (DRD), as próprias palavras do autor são claramente recortadas da citação na frase, o locutor se apresenta como “porta-voz” do discurso do autor.

TP2/1989 – *Algumas estratégias para entrar na comunidade, eliminar o efeito do observador durante as entrevistas gravadas e obter o inglês coloquial, foram baseadas em LABOV*. Elas são: a postura do pesquisador que deve ser de humildade e de interesse como de alguém que deseja saber os costumes daquela comunidade; o pesquisador deve ser honesto quanto ao objetivo da pesquisa [...] (p. 40).

Nesse excerto, observamos que o pesquisador retoma um dizer do teórico quando relata uma posição sobre as estratégias da pesquisa sociolinguística, ou seja, em “Algumas estratégias para entrar na comunidade [...]”. Nesse dizer, tem-se uma explicação do processo que

o pesquisador usa na elaboração de sua pesquisa. Na parte seguinte do excerto do TP2, em “a postura do pesquisador deve ser de humildade [...]”, a passagem inicia demonstrando que o pesquisador está utilizando a fala do teórico, a voz do outro, embora a passagem não pareça um recorte fiel da fala do teórico, apenas remetendo a ele. O pesquisador comparece como locutor da voz do outro.

Verificamos esse mesmo movimento no fragmento que segue desse mesmo excerto:

TP2 – 1989 – [...] foram seguidos alguns tópicos de LABOV para promover uma conversação envolvente entre falante e pesquisador, tais como: *morte e perigo de morte, sexo (se a sociedade em questão não tiver preconceitos em falar sobre o assunto), casamento e cortejo, indignação moral, coisas sobrenaturais, comidas típicas da comunidade, costumes religiosos, esportes, perguntas gerais sobre as atitudes dos falantes perante a língua* (p. 40).

O pesquisador começa a relatar os procedimentos em “foram seguidos alguns tópicos de Labov [...]”. Após esse momento, ele cita os procedimentos utilizados na pesquisa da sociolinguística laboviana em “sexo (se a sociedade em questão não tiver preconceitos em falar sobre o assunto), casamento e cortejo, [...]”. Por conseguinte, verificamos que o pesquisador utiliza, em suas próprias palavras, as palavras do outro, ou seja, faz uma menção ao discurso do teórico, configurando o que Authier-Revuz (2004) denomina de formas marcadas da *conotação autonímica*, a qual consiste no processo de o locutor fazer uso das palavras do outro ao proferir o discurso.

b) Discurso relatado indireto (DRI)

O discurso relatado indireto representa um outro dizer de forma não opacificante, isto é, o enunciador citante traduz as falas citadas, não se utilizando das palavras do outro, mas, sim, de palavras que provêm da interpretação, *do conteúdo do pensamento*.

No excerto (2) de TP2-1989:

(2) Os modelos de GILES et alii sobre os fatores estruturais que influenciavam manutenção e mudança de código e a teoria das redes de comunicação social apresentada principalmente por BORTONI-RICARDO e o conceito de FISHMAN sobre “domínio” contribuíra *para explicar a mudança de código*. (p. 21).

O autor traduz o discurso utilizando-se de palavras atravessadas, ou seja, palavras que aparecem em seu discurso, embutidas no discurso do outro (teóricos): “Os modelos de Giles *et alii* sobre os fatores estruturais [...]”. Observamos, nesse segmento, a tradução do discurso dos teóricos. Também em “contribuíra para explicar a mudança de código”, o autor toma as palavras do outro para explicar a mudança de código que pretende investigar.

Tal organização discursiva demonstra que o enunciador utiliza palavras de um outro discurso, palavras dos teóricos, ou seja, o conceito de mudança de código proposto por Giles *et alii*, para dar sentido à comunicação, ao que ele quer dizer, marcando, na escrita, assim, a *interdiscursividade representada*². Podemos depreender disso que o discurso do pesquisador aparece marcado por um outro discurso. E também podemos dizer que há um diálogo entre os discursos, uma vez que o pesquisador faz referência aos conceitos propostos por Giles *et alii*, para, então, formular o seu. Essas palavras de um outro discurso são consideradas constitutivas da língua e surgem por meio do jogo de palavras, do comentário – ou explicação – metaenunciativo em que o discurso se constitui.

3.3 Escrita reflexiva do dizer

A escrita reflexiva do dizer é aquela em que o enunciador faz uma reflexão do que já foi dito, podendo tomar um posicionamento ou não.

² Interdiscursividade representada, de acordo com Pêcheux, é tudo aquilo que repousa sob a forma de dois elementos interdiscursivos: o pré-construído (o que já foi dito) e o processo de sustentação (defesa com a razão), que compõem, no discurso do sujeito, os traçados daquilo que ele define, reinscrevendo-os no discurso do próprio sujeito. “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2012, p. 32).

Entretanto podemos afirmar que, nesse processo, já se pode perceber o posicionamento do enunciador.

No TP4 – 2011, analisamos a escrita dos conceitos a partir dos modalizadores:

a) Expressão de reformulação

A expressão de reformulação, de acordo com Authier-Revuz (2004, p. 106), designa um modo de dizer pelo qual a enunciação de um elemento X qualquer de uma cadeia enunciativa é duplicada por expressão de reformulação como *isto é, ou seja, na verdade* etc., que comporta uma representação reflexiva do dizer, por isso é opacificante. Uma forma de representação reflexiva do dizer ocorre quando há a representação por meio de um comentário, no qual o locutor traduz o discurso do outro, escrevendo-o de outra forma para que o interlocutor compreenda. O locutor imagina que a sentença precisa ser reformulada para ser entendida, pois seu enunciado não está claro, compreensivo.

Observamos o excerto (1):

TP4-2011 – “Nasce, assim, uma Sociolinguística precisa, rigorosa, *ou seja*, científica, apoiada nos métodos de análise quantitativa introduzidos por Willian Labov (1969) e refinados por Cedergren e Sankoff (1974) [...]”.

Essa estratégia linguística é representada pela expressão *ou seja*, que tem a função de explicar um termo – no caso, sociolinguística –, de forma opaca, pois nos termos seguintes já se pode depreender que são palavras já ditas pelos teóricos Labov, Cedergren e Sankoff. Tal expressão indica que o pesquisador quer expor um julgamento sobre o que está dizendo.

b) Modalização em discurso de acordo

Esse tipo de modalizador, que já foi explicitado neste trabalho, consiste, no dizer de Authier-Revuz (1998), em *uma enunciação sobre outra enunciação*, na qual há a relação entre o enunciado: o citante e o citado.

Excerto (4) de TP3:

TP3-2011 – *Em concordância com a Teoria Sociolinguística de Labov (Weinreich, Labov & Herzog 1968), conclui-se que os fatores que produzem mudanças, não só no eixo linguístico, mas também na vida de uma comunidade, não são repentinos nem súbitos, mas ocorrem lenta e gradualmente.*

Nesse excerto de TP3, há a expressão “em concordância com”. Associamo-la ao modalizador “de acordo com”, uma vez que o enunciador (pesquisador) usa o conceito da teoria sociolinguística de Labov de forma a mobilizá-lo em um dizer que expressa uma concordância, um acordo. Na verdade, ele mostra que concorda com o dito da teoria de Labov e Herzog. Conforme Authier-Revuz (1998), as estruturas que compõem o discurso segundo, podem recair sobre o conteúdo de afirmação ou sobre o emprego das palavras, tidas como emprestadas de um exterior. Nesse contexto, a incidência da modalização recai sobre o conteúdo da afirmação.

Podemos depreender, assim, que o enunciador faz uma conclusão a partir de uma interpretação, apesar de explicitar o elemento autonímico ao qual se refere que é a *teoria sociolinguística de Labov*. Em *conclui-se que os fatores [...]*, observamos que há um trabalho interpretativo que é posto para assinalar a configuração da modalização autonímica do campo da referência a um outro discurso – nesse caso, o dizer de Labov. Tal modalização autonímica incide reflexivamente sobre a expressão *Teoria Sociolinguística*. Consideramos essa parte de reflexiva, porque o pesquisador utiliza palavras de seu entendimento, apontando para um desdobramento metaenunciativo, no qual se tem um comentário, que parte de um entendimento, de uma interpretação, do que foi lido. No enunciado que se inicia com “conclui-se...”, configura-se uma interpretação que leva em conta o contexto situacional, o contexto da enunciação.

A expressão “mas também”, nesse contexto, aponta para um possível rompimento com o discurso do teórico e um acréscimo de um outro enunciado. Mostrando que o pesquisador pode ter acrescentado mais um ponto à investigação realizada, referindo que a mudança

linguística em uma comunidade ocorre de forma lenta e gradual.

Excerto (5) de TP3:

TP3-2011 – *Segundo* Labov (1972), quando é alto o índice na faixa etária dos jovens, é porque está havendo uma mudança em progresso. *Contudo*, em termos probabilísticos, *ainda que confirmada* a tendência ao uso da variante inovadora *a gente* ao invés da forma pronominal conservadora *nós*, os dados obtidos nesta pesquisa revela um equilíbrio muito grande no uso das formas pronominais em questão, demonstrando ser prematura a ideia de uma substituição da forma tradicional pela inovadora *nós*.

Observamos a modalização em discurso segundo na parte destacada. O discurso segundo consiste em uma modalização transparente do dizer, que se pode identificar a quem pertence. É usada, no discurso com a intenção de assegurar, legitimar o dizer do enunciador. A modalização, nesse excerto, recai sobre um conteúdo do dizer (o dizer de Labov).

Enquanto isso, a utilização da palavra *contudo* aponta para um contexto contrário ao do conceito postulado por Labov. A ideia de Labov é que há uma mudança em progresso quando o índice é alto na faixa etária dos jovens. O pesquisador afirma que a teoria foi confirmada, mas que não se pode dizer que há mudança em progresso, pois há uma incidência grande no uso das duas variantes. Por isso, podemos inferir que o pesquisador não concorda, em certo ponto, com o posicionamento do teórico, apesar de a pesquisa estar centrada no postulado de Labov sobre a mudança em progresso. Isso aponta para uma utilização do discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança com apropriação. Quando o pesquisador utiliza a expressão “Segundo Labov (1972)” seguida da apropriação, ele interpreta o enunciado, tomando uma posição contrária ao sentido deste: “Contudo, em termos probabilísticos, ainda que confirmada a tendência ao uso da variante inovadora *a gente*”.

Esse relacionamento que o autor do TP3 faz com a teoria que

sustenta sua pesquisa demonstra um jogo de palavras que consiste em formas puramente interpretativas, em que um elemento *autonímico* “*mudança em progresso*” comparece explicando o dizer do outro. A mobilização dos conceitos se apresenta como formas reflexivas da língua, nas quais o autor-pesquisador escreve interpretando um dito e assumindo um posicionamento sobre o enunciado proferido.

Tomando como referência o conceito de escrita estudado por Barzotto (2011), poderíamos afirmar que a escrita desse trabalho tende a mostrar *um interlocutor a partir de quem se fala*, aquele que se relaciona com o trabalho, que se materializa na escrita, que toma um posicionamento porque estabeleceu uma relação de filiação teórica com seus guias, com a linha teórica em que está inserido. A escrita desse trabalho é a que mais se aproxima da escrita que transmuda. O autor-pesquisador utiliza formas da modalização autonímica que revelam o discurso sendo constituído por outras vozes, por meio da reformulação do dizer e do uso de algumas expressões de sentido contrário.

Percebemos a reflexão que é realizada pelo enunciador para trabalhar as palavras, *experienciar* o discurso, realizar nas palavras de Riolfi (2011), um “trabalho de escrita”, no qual há implicação do autor com sua produção, com sua pesquisa.

4 Considerações

Considerando o que foi analisado neste trabalho, podemos dizer que encontramos a escrita que marca fronteira no TP1-1979, uma vez que o pesquisador mobiliza o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança utilizando-se de formas transparentes do dizer, formas que marcam a fronteira entre o discurso do um (pesquisador) e o do outro (teórico). A escrita deste trabalho aponta para uma representação do dizer não opacificante. Na verdade, a escrita do pesquisador tende a apresentar uma tradução das palavras dos teóricos.

A análise linguística do TP2 - 1989 aponta para uma escrita como representação do dizer, já que o pesquisador utilizou formas

metaenunciativas para mobilizar o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança. O discurso sobre esses conceitos foi escrito por meio de formas reflexivas, apresentado por meio de um comentário ou de uma explicação. Intuímos, também, a partir da análise, como afirma Pêcheux (2010), a escrita é marcada pela *interdiscursividade representada*. Ou seja, o discurso do pesquisador apareceu marcado pelo discurso do teórico. Nesse sentido, a escrita da pesquisa se apresenta carregada do dizer do teórico. Em nossa concepção, a escrita não estaria no mesmo nível da do TP1-1979, pois já houve um comentário, uma representação do dizer refletida, comentada.

No TP3 – 2011, a mobilização do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança foi representada por expressões de reformulações do dizer. O pesquisador as utilizou para reformular o discurso dos teóricos Cedergren e Sankoff.

Podemos, portanto, depreender que o autor do TP3-2011 utilizou formas reflexivas da língua, escreveu interpretando um *já-dito*. O discurso, além de ser um acontecimento, pois nas palavras de Pêcheux (2006), o discurso é um acontecimento, um acontecimento que se dá em determinada situação de enunciação, a qual, por ser sempre única, sempre outra, confere a este um caráter singular. O acontecimento sempre espera uma interpretação, a qual carrega consigo uma pluralidade de sentidos, que se atualizarão de acordo com a formação discursiva em que se inscreve o ouvinte e o leitor. O TP3-2011 trouxe algo de diferente, o pesquisador tomou um posicionamento frente ao que estava defendendo. Portanto, acerca da escrita deste trabalho, podemos dizer que foi a que mais se aproximou daquela que se constitui a partir de uma experiência.

Assim, o discurso, referente aos conceitos de variação e mudança das pesquisas analisadas neste trabalho, sinalizam para uma produção universitária em que a cena enunciativa, a escrita do pesquisador em formação se encontra nas fronteiras do dizer, na representação do dizer ou na reflexão desse dizer, isso corrobora para um dizer em que a implicação do pesquisador com o saber se apresenta de forma ínfima, consequentemente a produção de conhecimento se apresenta comprometida.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. A. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. A. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BARZOTTO, V. H. Lições das Fúrias: delitos e castigos inevitáveis. In: RIOLFI, C. **O inferno da Escrita: produção escrita e psicanálise**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**, 6ª ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.
- PÊCHEX, Michel. **Semântica do Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- RIOLFI, Cláudia. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho de escrita. **Leitura: Teoria & Prática**. Revista da Associação de Leitura do Brasil, Campinas-SP, v. 40, p. 47-51, jan./jul. 2003.
- RIOLFI, Cláudia. Lições das Fúrias: delitos e castigos inevitáveis. In: RIOLFI, C; BARZOTTO, V. H. **O inferno da Escrita: produção escrita e psicanálise**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. Disponivem em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>.

Recebido em junho de 2014.

Aceito em setembro de 2014.

SOBRE AS AUTORAS

Sulemi Fabiano-Campos é Professora Doutora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso (GETED/UFRN) e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP/FEUSP.

E-mail: sulemifabiano@yahoo.com.br

Elza Maria Silva de Araújo Alves é Mestre em Estudo da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). É professora da Rede Municipal de Ensino de Natal/RN e da Universidade Estadual Vale de Acaraú. Pesquisadora do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso (GETED/UFRN).

E-mail: elza.alves29@yahoo.com.br